

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

**FILOSOFIA ANALÍTICA: OS LIMITES DA ABSTRAÇÃO E
EXTERIORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

EDER SILVA CARNEIRO

**ANÁPOLIS
2016**

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

**FILOSOFIA ANALÍTICA: OS LIMITES DA ABSTRAÇÃO E
EXTERIORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

EDER SILVA CARNEIRO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica no Curso de Licenciatura Plena em Filosofia como requisito para obtenção de nota na disciplina de Metodologia do Trabalho Científico.

Anápolis – GO

2016

FILOSOFIA DA LINGUAGEM: FIGURAÇÃO DO MUNDO E VIRADA LINGUÍSTICA EM WITTGENSTEIN

Esp. Eder Silva Carneiro¹
Orientador: Prof. Pe. João Ferraz²

Resumo: O presente artigo tem por objeto de estudo a linguagem, sob a perspectiva de Wittgenstein, bem como os impactos de suas duas abordagens distintas, tanto no mundo da filosofia, quanto na forma de abstração e exteriorização do conhecimento em geral; com o objetivo de analisar a linguagem a fim de compreender a raiz dos problemas de aprendizado, pertinentes ao seu uso equivocado. Para tal, foi realizada a pesquisa bibliográfica descritiva e qualitativa, tendo como pilares principais as duas obras de Wittgenstein: Tractatus lógico-philosophicus e Investigações filosóficas. Por fim, concluiu-se que o papel de Wittgenstein foi essencial para o desenvolvimento dos estudos da linguagem, transformando todo o enfoque semântico para o pragmático e provocando uma reviravolta na história da filosofia, o que culminou na virada linguística; trazendo um novo relevo para todas as áreas do conhecimento, com vista à aplicação adequada da linguagem, partindo do indivíduo para o contexto das diversas esferas.

Palavras-Chave: Linguagem; Wittgenstein; Filosofia.

Abstract: This article has the object of study the language, in Wittgenstein's perspective, as well as the impacts of its two different approaches, as in the world of philosophy, as in the form of abstraction and externalization of knowledge in general; with the aim of analyzing the language in order to understand the root of the learning problems, pertinent to your equivocal use. For this, the descriptive and qualitative literature search was performed, the main pillars of the two works of Wittgenstein: Tractatus lógico-philosophicus and Philosophical Investigations. At last, it was concluded that the role of Wittgenstein was essential for the development of language studies, turning all the semantic approach to the pragmatic, and provoking a twist in the history of philosophy, which culminated in the linguistic turn; bringing a new emphasis on all areas of knowledge, for the proper application of language, starting from the individual to the context of the various spheres.

Key Words: Language; Wittgenstein; Philosophy.

INTRODUÇÃO

A partir do século XIX, a linguagem, bem como o estudo da linguística, entrou no centro do panorama filosófico; influenciado pela filosofia analítica e por diversos autores ao decorrer da história da filosofia. Nesse contorno, a pesquisa se baseará nas duas perspectivas de Wittgenstein, analisando a linguística como figuração, no qual ele acreditava que o seu aprendizado, se dava ao uso imperfeito

¹ Bacharel em Administração pela Faculdade Anhanguera; Graduando em Licenciatura Plena em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis; Especialista em Docência Universitária pela UniEvangélica; Especialista em Gestão de Pessoas e Psicologia Organizacional pela Faculdade Católica de Anápolis. E-mail: scarneiro.eder@gmail.com.

² Bacharel em Direito – ITE; Especialista em Metodologia do Ensino Superior, Mestre em Filosofia – Universidade da Sta Cruz, Roma; Mestre em Filosofia – UFG.

da linguagem corrente, assim, os limites da linguagem significam os limites do próprio mundo (OLIVEIRA, 1996).

Dessa forma nota-se que a linguagem, e seu estudo, tornaram-se uma preocupação contemporânea, transformando-se em um objeto de análise; igualmente, surgem as questões: Os problemas de aprendizado são originados na significação da linguagem? Os limites da eficiência do docente se dão nos limites da linguagem?

Entende-se que a linguagem descreve os fenômenos, inicialmente, compreendida como um sistema fechado à essência do conceito. Acredita-se que ao longo do tempo esse pensamento foi desconstruído, influenciado principalmente pelas obras de Wittgenstein, uma vez que a validade do mundo, tal como se conhece, dá-se unicamente, e inevitavelmente, pela mediação da linguagem entre a relação do sujeito e objeto, considerando que a linguagem é a base para todo e qualquer tipo de conhecimento, ensino e aprendizagem, o que justifica o presente estudo.

Com isso, objetiva-se analisar a linguagem e seu poder de figuração e representação do mundo, sob a visão de Wittgenstein, que parte inicialmente da perspectiva semântica, e, posteriormente segue o caminho pragmático, relacionando a filosofia analítica como crítica da linguagem, abordando os problemas filosóficos, elucidando as suas influências na virada linguística e no estudo da linguagem, a fim de compreender o que concerne aos problemas de aprendizado devido ao uso equivocado da linguagem corrente.

Para tanto, o método utilizado para a realização do artigo é a pesquisa bibliográfica descritiva e qualitativa, dispondo-se da coleta de dados através da leitura exploratória, da análise por meio da leitura crítica e interpretativa para ampliação das ideias, formando a tese, a antítese, e a síntese, possibilitando a reflexão sobre o tema e dando suporte para a dissertação (MARTINS; PINTO, 2001).

1 FILOSOFIA DA LINGUAGEM

O homem é feito de palavras; elas, as palavras, não são a única realidade. Não há pensamento sem linguagem, nem tão pouco objeto de conhecimento. O signo e o objeto eram as mesmas coisas, mas ao decorrer dos tempos os homens perceberam que entre as coisas e seus nomes abria-se um abismo (PAZ, 1982). O abismo que surgia, somado à crescente ampliação da crença no mito do

cientificismo conduziu a necessidade de expansão da Filosofia Analítica, que centralizava sua discussão na Filosofia da Linguagem.

A Filosofia Analítica contribui para prevenção de erros ao raciocinar palavras ou conceitos abstratos; concebendo os problemas filosóficos primeiramente como problemas de esclarecimento do sentido das expressões, de modo a assegurar que a investigação não se perca logo no início, devido a confusões conceituais, originadas de uma compreensão inadequada da maneira como a linguagem funciona (COSTA, 1991).

Nesse sentido, o problema de compreensão, devido ao mau uso da linguagem, pode se estender além da compreensão filosófica, e, envolver todos os campos do conhecimento humano, sendo assim, a singularidade desse movimento filosófico analítico, que parece paradoxal, persegue com precisão seu objeto de pesquisa: a linguagem. Dummett (1994) confirma o aforismo dizendo que a primazia da Filosofia Analítica, bem como o que a distingue, é a categoria superior do estudo linguístico.

D'Agostini (2002) aponta Frege como raiz das duas grandes vertentes analíticas, caracterizados pelos dois momentos de Wittgenstein, e também, a virada linguística. Através de Frege (2009) nota-se a abordagem objetiva linguística, sem negar a subjetividade como forma de representação individual; uma vez que, grande parte dos problemas se origina na má interpretação.

O Filósofo Analítico preocupa-se inicialmente com os conceitos e significados, essa nova forma de questionamento incorre em um menor risco de interpretação errônea da realidade. Tanto Costa (1991) quanto Marcondes (2004) destacam as duas correntes na forma de figurar a linguagem: a primeira denominada Filosofia da Linguagem ideal, que se inspira essencialmente na lógica e matemática; e a segunda, denominada Filosofia da Linguagem Ordinária que reconduz as palavras de sua aplicação metafísica para sua aplicação cotidiana.

Diante dos problemas de compreensão da linguagem, e, abordando as duas correntes, Wittgenstein formulou duas respostas distintas representando-as na obra *Tractatus lógico-philosophicus*, com a perspectiva semântica-transcendental, e na obra *Investigações Filosóficas*, com a perspectiva pragmática.

2 FILOSOFIA DA LINGUAGEM IDEAL

O *Tractatus* versa os problemas filosóficos, assim como os problemas de

aprendizado que repousam sobre o mau entendimento da lógica da linguagem, o livro pretende, pois, traçar um limite para pensar, ou melhor, para o não pensar, e para a expressão dos pensamentos (CONDÉ, 1998). No livro referido, Wittgenstein tenta estabelecer o significado da proposição na perspectiva semântica-transcendental, definindo uma cadeia de raciocínio lógico em forma de corolário, onde o limite do conhecimento está no limite de definir o que se conhece, logo, o limite do pensamento é o limite da linguagem e conseqüentemente o limite do próprio mundo.

Wittgenstein (2001) acredita que a linguagem figura o mundo e, o mundo, é a totalidade dos fatos, não a totalidade das coisas. Os fatos são um conjunto lógico definitivo, defendidos pelo Atomismo Lógico de Russell (2007), onde se entende que o objeto é uma propriedade simples, e os fatos são a junção complexa dos mesmos. De igual modo Wittgenstein considera que os nomes das coisas, sozinhos, são desconexos e fragmentados, somente na proposição que os nomes possuiriam vínculo direto de significado.

Assim, uma sentença só teria sentido se os nomes contidos nela estabelecessem uma relação de correspondência entre a figuração dos objetos do mundo na linguagem e o próprio mundo afigurado. À vista disso, compreende-se que o problema fundamental de Wittgenstein no *Tractatus*, ou na filosofia da linguagem ideal, é a relação do mundo e do pensar.

Wittgenstein (1992), diz que uma dificuldade que se choca em todo pensador consiste no fato de não existirem definições ostensivas para muitas palavras na linguagem; se a definição explica o sentido de uma palavra, é, sem dúvida, essencial que a palavra tenha sido ouvida anteriormente, e atribuir-lhe um sentido é o dever da definição ostensiva. Os problemas encontrados no aprendizado são análogos.

Pinker (2008) afirma que todo pesquisador deve ter a lógica e os dados ao seu favor para convencer seu interlocutor, e considera difícil imaginar como a vida intelectual sobreviva sem esses pressupostos. Uma vez que o pesquisador é dotado desses elementos, os problemas se encontram na exteriorização do pensamento, retratado na teoria da figuração do mundo.

Nesse contexto de figuração, a verdade está relacionada à identidade estrutural do mundo dos fatos e do mundo dos pensamentos de forma semântica, a cabo que a proposição ou é verdadeira ou é falsa, na concordância ou discordância de seu sentido com a realidade, consistindo sua verdade ou falsidade

(WITTGENSTEIN, 2005). Entretanto, ele, inversamente a Kant (2012), recusa qualquer probabilidade de proposições *sintéticas a priori*, ou seja, a probabilidade da figuração está relacionada ao *juízo sintético a posteriori*, dado ao conhecimento abstraído empiricamente. Para Cann (1993), a semântica é o estudo do significado expresso pelas palavras, frases e proposições das línguas humanas, onde se torna possível capturar o significado das coisas, prever ambiguidades e explicar as relações sistemáticas das sentenças.

Hertz (1956) apresenta o conceito de que se um sistema é o modelo de um segundo, então, inversamente, o segundo é modelo do primeiro, sendo assim, as imagens que a mente forma das coisas devem ser iguais às próprias coisas. Assim, a proposta de Wittgenstein idealiza um meio de promover uma interpretação precisa para as linguagens formais, evitando má compreensão devido a ambiguidades.

A compreensão semântica se encarrega de questões ligadas à interpretação vericondicional, isto é, verdadeira ou falsa, ligadas ao sentido literal. Por exemplo, a sentença “Diadorim é a minha neblina” (ROSA, 1994, p. 27); expressada pelo personagem Riboaldo, no romance *Grande Sertão: Veredas* pode ser considerada, sob essa ótica, como falsa; uma vez que, literalmente, uma pessoa não pode se transformar em neblina, ainda nesse aspecto, pode-se considerar essa preposição passível de engano, visto que, nem todos os leitores, ou ouvintes, podem interpretar e abstrair a realidade da maneira que o locutor deseja expressar.

Leibniz (1993) ressalta essas afirmações advertindo sobre a dificuldade de compreensão, onde as ideias existem, primeiramente, no pensamento; em seguida, as palavras possuem sua composição existencial. O significado da palavra, em determinadas expressões, pode estar somente na ideia de quem a profere, desvinculado do significado original; quando mal interpretado, pode-se conduzir ao erro e distanciar o ensino da verdadeira aprendizagem.

Em contraste com a afirmação de Leibniz justifica-se a primeira abordagem de Wittgenstein, em sua primeira resposta à problemática da linguagem, pois o enfoque semântico evitaria essa desvinculação, ou a condução ao erro, do significado dos objetos e fatos presentes na realidade.

3 VIRADA LINGUÍSTICA

Wittgenstein se entregou ao trabalho de construir princípios de um pensamento lógico rígido, suprimindo qualquer tipo de paradoxo, buscando uma

linguagem transparente que elimine ambiguidade e dúvidas, que são comuns em qualquer língua corrente.

Somente uma linguagem concebida nesses moldes seria capaz de espelhar, com rigor, os pensamentos e como os signos do mundo se tornam cognoscíveis para o homem. Assim, compreende-se que os limites da expressão intersubjetiva da comunicação, por meio de qualquer linguagem, são os limites do próprio mundo (WITTGENSTEIN, 2001).

Hintikka e Hintikka (1994) revelam que a concepção semântica foi entrando em colapso, e que Wittgenstein tornou-se impaciente com várias doutrinas do *Tractatus*, inclusive as ideias de espelhamento com a realidade, levando a mudança da linguagem fenomenológica para uma linguagem fisicalista.

Apesar dos esforços de Wittgenstein para desvelar a essência da linguagem, no *Tractatus*, ele se deparou com um problema: não havia uma essência a ser descoberta. Essa busca estava fadada ao fracasso, como ele mesmo afirma nas *Investigações Filosóficas* (2005).

Segundo ele, a linguagem não era um objeto homogêneo, mas sim um aglomerado de diversas linguagens. Com isso, seu estudo mudou profundamente, mudaram os detalhes, o método e até a forma que a ideia era posta em ação. Mas o objeto nunca mudou.

4 FILOSOFIA DA LINGUAGEM ORDINÁRIA

Stegmüller (1977) afirma que Wittgenstein passo a passo, constituiu uma nova Filosofia. Não a ergueu sobre as ruínas de sua Filosofia anterior, mas buscou um novo terreno e novos elementos. No *Tractatus*, Wittgenstein estava certo de ter solucionado todos os problemas da Filosofia Analítica, onde alegava: “é de minha opinião que, no essencial, resolvi de vez os problemas” (WITTGENSTEIN, 1994, p. 133).

O tempo deu cabo de transformar o pensamento wittgensteiniano, e apresentando uma visão mais completa e adequada, embora a problemática fundamental continuasse a mesma, o autor do *Tractatus*, passou a abordar de forma radicalmente diferente a problemática da linguagem, a obra *Investigações Filosóficas* revela seu novo itinerário filosófico: o caminho pragmático.

Wittgenstein (1992) dizia que a compreensão de uma frase aponta para uma realidade exterior à frase, ao passo que compreender uma frase significa apreender

o seu conteúdo; e o conteúdo da frase está, propriamente, na frase. Entretanto, os elementos contidos em um texto, ou em um discurso, carregam uma experiência composta; que muitas vezes se diverge das experiências do leitor, ou ouvinte, que o inclinam a outra interpretação, dificultando a analogia e figuração da realidade.

Dessa forma, pode acontecer que as pessoas não sejam capazes de se libertarem das implicações do simbolismo, sendo conduzidas à perplexidade por uma analogia que arrasta irresistivelmente, no qual parece admitir uma pergunta como “para onde é que vai a chama de uma vela quando a apagamos?” (WITTGENSTEIN, 1992, p. 45).

Wittgenstein (2005) diz que a causa principal das doenças filosóficas é a atitude de alimentar o pensamento apenas com uma espécie de exemplos, e assim ele aponta para algumas lacunas na pedagogia, relacionadas à linguagem, criticando o ensino que não envolve as variadas expressões linguísticas e a forma de como elas são usadas. Ele ainda aborda que o processo de uso de palavras, seja um dos jogos por meio dos quais os alunos aprendem sua língua materna e as demais coisas. Chamando assim, de “jogos de linguagem” a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada.

Oliveira (1996) diz que a linguagem está sujeita à vontade dos indivíduos que a produz, sendo o ato de figurar a realidade, tendo como principal função, a concessão de sentido à comunicação, e, por conseguinte, fazer com que o fenômeno físico, da linguagem, ultrapasse o plano físico e atinja o plano da significação.

Nas situações acadêmicas, tem-se parecido que o não dito, isto é, o que permanece nas entrelinhas, é o que por muitas vezes acaba sendo o mais fecundo. Ainda em volta disso, o prazer de dizer tudo não chega aos pés do desejo de compreender um pouco. Sempre existe o perigoso jogo entre o compreender e o dizer, mas longe de qualquer exigência formal, todos se dão ao direito de jogar (ORLANDI, 2009).

Um exemplo que ilustra tais afirmativas, que compõem o subjetivismo do sujeito, bem como a representação da *teoria dos jogos da linguagem*, de Wittgenstein, pode ser encontrado na seguinte passagem da obra *Alice*:

“Quando eu uso uma palavra”, disse Humpty Dumpty num tom bastante desdenhoso, “ela significa exatamente o que eu quero que signifique: nem mais, nem menos”. “A questão é”, disse Alice, “se pode fazer as palavras

significarem tantas coisas diferentes”. “A questão”, disse Humpty Dumpty, “é saber quem vai mandar – só isto” (CAROL, 2009, p. 245).

Chierchia e McConnel (2000) advertem que a linguística não é apenas o estudo das línguas e suas interpretações como sistemas abstratos, mas também o estudo de como tais sistemas são representados nas mentes humanas, e usados por agentes humanos para expressar seus pensamentos e se comunicar com outros.

Assim, a linguagem ordinária aborda uma visão, e interação, pragmática. Considerando não apenas o que as expressões linguísticas significam por elas mesmas, mas também a irreduzível multiplicidade que os falantes querem significar utilizando-as.

Wittgenstein (2005) abandonou o ideal de linguagem perfeita, tratando-se agora que a linguagem é uma questão de uso das palavras, um veículo de informações que se converte em atividades, profundamente enraizadas nos conjuntos sociais e nos anseios humanos, posto que, todo signo sozinho, parece morto. Mas o que lhe confere a vida? Ele tem em si o hálito da vida? – O signo está vivo no uso. Para ele, os problemas começam quando a linguagem sai de férias.

CONCLUSÃO

Wittgenstein, como autor, trouxe a reflexão sobre a natureza da linguagem para o centro do cenário filosófico, oferecendo duas respostas para a mesma problemática, exercendo profunda influência e impulsionando a filosofia da linguagem, também conhecida como filosofia analítica.

Em sua primeira abordagem, ele entendia que os problemas de aprendizagem e compreensão estavam enraizados na dificuldade de analogia, entre a palavra e o objeto concreto; desse modo, a linguagem deveria ser o agente condutor para pensamento espelhar o mundo. Wittgenstein acreditou que eliminando as ambiguidades ele teria resolvido todos os problemas de compreensão, bem como os problemas filosóficos.

Anos depois Wittgenstein retoma suas pesquisas, e a sua primeira abordagem entra em crise, pois a linguagem nem sempre pode refletir o mundo em sua totalidade, a mente humana, por diversas vezes, esconde a verdade; o que dificulta a analogia. Com isso, ele afirma que a linguagem é um jogo e não possui essência, assim ele desenvolve uma nova abordagem e revela um leque de

possibilidades para a linguagem, ficando conhecido como a virada linguística.

Na sua nova forma, o significado da linguagem está relacionado ao seu uso no jogo, podendo ser estabelecido em diversas formas e expressões. O signo se torna um mero rabisco sujeito ao falante e ao ouvinte.

Essa nova abordagem completa um arco de reflexão, pois a segunda forma de compreender a linguagem não anula a primeira, pelo contrário, a segunda é o alargamento da orbita inicial, sendo uma forma progressiva e continua de compreender a linguagem.

Compreende-se, diante das pesquisas de Wittgenstein, que a aprendizagem depende da forma como o sujeito falante expressa seu conhecimento, pois o mesmo deve ter a atenção para não utilizar termos ambíguos, e também saber jogar com as expressões linguísticas; sempre se preocupando com a forma como o ouvinte irá abstrair o que se fala.

Toda atividade linguística e a forma como ela se expressa é regida pela lógica; juntamente, as formas dessa combinação assumem a proposição real, podendo levar tanto ao sucesso do discurso, quanto ao fracasso. Por sua vez, a linguagem, deixa de representar um objeto para um sujeito, mas passa a ser uma instância sociocultural, dependente do contexto em que ela está inserida, produzindo objetos e construindo sujeitos. A linguagem deixa de ser representante da verdade e passa a ser a sua produtora. O que está presente no jogo não são os critérios, e sim as adequações dos significados, onde, ao nomear o objeto não mais se representa a essência do real, que já existe por si só; mas, desenvolve-se o ato de criar a realidade, de conferir-lhe a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANN, Ronnie. **Formal Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- CAROL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- CHIERCHIA, Gennaro; McCONNEL-GINET, Sally. **Meaning and Grammar: An introduction to semantics**. Cambridge: MIT Press, 2000.
- CONDÉ, Mauro Lúcio Leitão. **Wittgenstein: Linguagem e Mundo**. São Paulo: Annablume, 1998.
- COSTA, Cláudio Ferreira. **Filosofia Analítica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.
- D' AGOSTINI, Franca. **Analíticos e Continentais**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- DUMMETT, Michael. **Origins of Analytical Philosophy**. London: Duckworth, 1994.
- FREGE, Gottlob. **Lógica e Filosofia da Linguagem**. 2 ed. Trad. Paulo Alcoforado. São Paulo: EDUSP, 2009.
- HERTZ, Heinrich. **The Principles of Mechanics**. New York: Dover, 1956.
- HINTIKKA, Jaakko; HINTIKKA, Merrill. **Uma Investigação Sobre Wittgenstein**. Trad. Enid Abreu Dobranszky. Campinas: Papirus, 1994.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Vozes, 2012.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Novos Ensaio Sobre o Entendimento Humano**. Trad. Adelino Cardoso. Lisboa: Colibri, 1993.
- MARCONDES, Danilo. **Filosofia Analítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- MARTINS, Gilberto de Andrade; PINTO, Ricardo Lopes. **Manual para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2001.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta Linguístico-Pragmática na Filosofia Contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1996.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**. São Paulo: Pontes, 2009.
- PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. 2 ed. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento: A língua como janela para a natureza humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Nova Aguilar, 1994.

27 p.

RUSSELL, Bertrand. **Introdução à filosofia matemática**. Trad. Mirian Lerner. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

STEGMÜLLER, Wolfgang. **A Filosofia Contemporânea**. São Paulo: EDUSP, 1977.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **O Livro Azul**. Trad. Jorge Mendes. Rio de Janeiro: edições 70, 1992.

_____. **O Livro Castanho**. Trad. Jorge Marques. Rio de Janeiro: edições 70, 1992.

_____. **Tractatus Logico-Philosophicus**. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

_____. **Investigações Filosóficas**. 5 ed. São Paulo: Vozes. 2005.